
OS DONOS DO RIO:

Do processo de exploração à emancipação do rio Jutai (1940 a 1970)

THE RIVER OWNERS:

From the exploration process to the emancipation of the Jutai River (1940 to 1970)

Jucimar Ribeiro Santa Luzia¹

Esdras Carlos de Lima Oliveira²

RESUMO: Esse artigo tem como intenção, abordar o processo de exploração da calha do Rio Jutai, a partir do monopólio da borracha, no período que vai da década de 1940 a 1970. Salientamos que esse contexto é distinto daquele do final do século XIX, quando se iniciou a produção do látex em terras da Amazônia. O artigo está dividido em temas que falam do procedimento dessa dinâmica de exploração comercial dessa matéria prima pelo governo brasileiro na região Amazônica. Trata também da situação dos trabalhadores desses seringais, sobretudo dos nordestinos. Mostra o ressurgimento do mercado da borracha e o primeiro declínio desse comércio; a constituição dos seringais nos rios prósperos, pelo governo, em parceria com os coronéis de barranco. E finalmente, a difícil abertura dos portões invisíveis do rio e a criação da sede do município de Jutai, em 1955. No ensejo mencionaremos um evento ocorrido na “Localidade” do Japó, conhecido como “a revolta dos rendeiros” contra os cobradores de impostos dos seringueiros.

Palavras-chave: Ocupação territorial; seringais; Rio Jutai.

ABSTRACT: This article intends to approach the process of exploration of the Jutai River gutter, from the rubber monopoly, from the 1940s to the 1970s. We emphasize that this context is different from that of the late nineteenth century, when started latex production on Amazonian lands. The article is divided into themes that talk about the procedure of this dynamics of commercial exploitation of this raw material by the Brazilian government in the Amazon region. It also deals with the situation of the workers of these rubber plantations, especially the northeastern ones. It shows the resurgence of the rubber market and the first decline of this trade; the constitution of the rubber plantations in the prosperous rivers by the government, in partnership with the colonels of ravine. And finally, the difficult opening of the invisible gates of the river and the creation of the headquarters of the municipality of Jutai, in 1955. We will mention an event that took place in the “Locality” of Japan, known as “the rentiers revolt” against the tax collectors. of the rubber tappers.

Keywords: Territorial occupation; rubber plantations; Jutai River.

¹ Universidad Autónoma de Asunción, UAA. jucimar.luzia@seducam.pro.br

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas. IFAM. ecloliveira@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho emerge da necessidade de fornecer respostas às indagações referentes ao passado do município de Jutaí, localizado no sudoeste amazonense, na mesorregião do Alto Solimões. O município de Jutaí foi instalado no dia 11 de abril de 1956, nas cabeceiras do rio Jutaí, na localidade denominada Boa Vista. Após a instalação a sede sofrera mais três mudanças (1962, localidade do Tamanduá e em 1965 é transferido para o Pururé) até ir, em 1969, para a foz do rio Jutaí onde está até hoje. Refletimos sobre a conflituosa relação entre seringueiro e coronéis (seringalistas) que juntos protagonizaram vários eventos dentre eles o que ficou conhecido como “a revolta dos rendeiros”, o que culminou com o fim do embargo dos coronéis no rio Jutaí (o que chamamos nesse trabalho de portões invisíveis).

Deparamos-nos com um fato atípico, os atos do processo criminal dos envolvidos na revolta dos seringueiros de Jutaí – os rendeiros – simplesmente “desapareceu” do Cartório da cidade e por esse motivo não temos informações precisas dos depoentes neste trabalho. Realizamos um estudo sobre a ótica dos padres Egon Dionísio e Teodoro Van Zoggel, autores do livro “Clamor dos seringueiros do Jutaí” (1981), e também dos escritos do Pe. Domingos da Rocha Ferreira, que está escrevendo a História da Paróquia de São José – padroeiro da cidade de Jutaí. Embasamos-nos também em autores que tratam da história do Amazonas como: Francisco Jorge dos Santos, Roberto Santos; Augusto Cabrolié; Barbara Weinstein entre outros.

Para compor este trabalho contamos com o depoimento de antigos moradores da que conhecem a história da região. Segundo ALBERTI a (1989, p.52), História Oral é [...] “um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo”. Pois, a história oral nos possibilita dar voz aos personagens, que na maioria das vezes são esquecidos na história oficial.

Portanto, para melhor compreensão da temática, estruturamos o trabalho em temas que irão nos fornecer uma visão panorâmica da história regional, enfatizando o período áureo e o colapso da economia extrativista da borracha; o processo de constituição e monopólio dos seringais do rio Jutaí; o processo de ocupação, exploração e emancipação do rio Jutaí no período de 1940 a 1970.

2. A BORRACHA DA AMAZÔNIA: PRODUÇÃO DE RIQUEZA E MISÉRIA

No século XVII a região amazônica foi alvo de viajantes estrangeiros (espanhóis, franceses, ingleses, holandeses) e posteriormente da exploração dos portugueses – que acabaram dominando o delta e a maior parte da calha central do rio Amazonas e os seus principais afluentes. Como salienta Weinstein (1993, p.30):

Os europeus, contudo, não estavam interessados na produção para a subsistência; vinham para a Amazônia, em caráter temporário ou permanente, para explorar suas “riquezas” com vistas ao lucro comercial. Porém, os fabulosos recursos amazônicos não se prestavam facilmente às intenções europeias de exploração econômica.

Após ser localizada pelos europeus a Amazônia se torna alvo da conquista e propício ao imaginário³, alimentando a curiosidade e o interesse de muita gente na Europa. Mas, o interesse efetivo pela borracha no contexto mundial só vai acontecer a partir de 1743 quando o naturalista francês Charles Marie de La Condamine desce o rio Amazonas, vindo do Equador, nas famosas expedições filosóficas científicas, na qual faz importantes observações sobre a região. La Condamine levou para a França, em 1745, uma pequena quantidade de “caoutchouc” para pesquisá-la. (SANTOS, 1980)

Depois das publicações de La Condamine e Fresneau, a borracha da Amazônia se tornara popular na Europa e nos Estados Unidos, causa frisson e curiosidades em função da sua praticidade, com o avanço das pesquisas, logo é grande a procura estrangeira pela matéria prima, a borracha bruta.

De acordo com Weinstein (1993, p. 22 e23) em 1827, as remessas da borracha bruta para a Europa se intensificavam gradativamente. Era o início de um crescimento econômico incrível, mas desorganizado e extrativista, numa região, até então, vista como “um vazio demográfico”, precisaria de uma grande intervenção empresarial que diminuísse a logística entre os seringais e a indústria. A partir de 1900, com a mania da bicicleta (1890) e a popularização do automóvel a demanda começou a crescer e, por mais de 60 anos, a indústria de produtos de borracha recebia toda, ou a maior parte, de sua matéria-prima da região

³ Segundo Porro (1996, p.45) depois da conquista do Peru (1532), pelas tropas de Francisco Pizarro, os espanhóis inteiravam-se de notícias a respeito de duas regiões que, na sua imaginação, tornar-se-iam fabulosas: o *El Dorado* e o *País da Canela*. [...].

amazônica, esse ciclo atingiu o seu auge entre 1879 e 1912, esse período ficou conhecido como a *belle epoque*.

É o início do êxodo rural, muitas pessoas foram para Manaus em busca de emprego e de sobrevivência, mas encontram a Manaus dos excluídos, a Paris dos trópicos, na *belle epoque* tinha se tornado a ilusão do fausto⁴. Situação esta observada por Euclides da Cunha mesmo antes do colapso de 1913, quando os seringais estavam vivendo o auge do extrativismo.

Entre 1904 e 1905, Euclides da Cunha esteve na Amazônia numa expedição oficial demarcatória a serviço do governo, sob os auspícios do Barão do Rio Branco. [...] De Belém subiu Amazônia. [...] Nos seus escritos, sobressai o incisivo tom de denúncia social contra as condições de vida dos migrantes nordestinos nos seringais, produzidas pelo cruel sistema de aviamento que submetia os migrantes à semi-escravidão solitária no interior da floresta, uma relação de endividamento impagável com o seringalista.⁵

Euclides observa não apenas as más condições de vida e a forte pressão para o aumento da produção da borracha, mas o cruel abandono dos seringueiros. Um grito que ecoa na floresta e desaparece na imensidão verde. As condições precárias dos trabalhadores impossibilita o retorno dessas pessoas a sua terra natal, por conta das dívidas existentes com o patrão, resta, portanto ao seringueiro ostentar no físico o sofrimento de longos e cansativos anos de labuta.

3. SEGUNDA BATALHA DA BORRACHA: A CONSTITUIÇÃO DOS SERINGAIS NO RIO JUTÁÍ

O reinteresse pela borracha amazônica ressurgiu durante o momento em que a II Guerra Mundial (1939 – 1945) explodia, isto porque o Japão estava do lado oposto das forças aliadas, que dominavam o sudeste asiático, e que impedia a comercialização da matéria prima utilizada pelas indústrias americanas. Quando a extensão da guerra ao Pacífico e ao Índico interrompeu o fornecimento da borracha asiática, as autoridades americanas entraram em “pânico”. Esse bloqueio comercial obrigou os Estados Unidos a voltar aos antigos seringais da Amazônia. Isso deu início ao período da II batalha da borracha, datada de 1941 a 1945. (BENCHIMOL, 1999, p. 136).

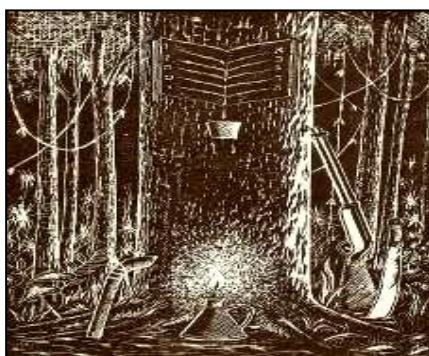
⁴ DIAS, Edinea Mascarenhas. *A ilusão do Fausto*: Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer, 1999, p.12,13 e 30.

⁵ SILVA, Antonio Carlos Teles da. *Um olhar sobre a Amazônia*. São Leopoldo RS: Revista eletrônica do Núcleo de Estudos e Pesquisa do Protestantismo da Escola Superior de Teologia. Disponível em: <http://www3.est.edu.br/nepp>.

É a mesma avalanche migratória do grupo invadindo a mina na fome de ouro, correndo ao massapé na plantação de cana, invadindo a mata a caça ao índio, da droga, do mito, assaltando o sertão ou pampa [...], avançando em São Paulo no banzeiro da “onda verde”, amassando a Amazônia no rastro do ouro-negro. BENCHIMOL (1992, p.18):

O esquema organizado para atender as exigências feitas pelos americanos foi criminoso, as pessoas foram submetidas. Ora, os primeiros soldados da borracha eram simples retirantes, amontoados com suas famílias por todo o nordeste, que fugiam de uma “seca” que teimava em não acabar e os reduzia à miséria. O segundo momento dessa história trouxe um grupo de jovens que foram ameaçados e forçados a participar da II batalha da borracha. Após o alistamento, cada migrante assinava um contrato com o SEMTA que previa um pequeno salário para o trabalhador durante a viagem até a Amazônia. Após a chegada, receberiam uma remuneração de 60% de todo capital que fosse obtido com a borracha.

Figura 1 – Os instrumentos de trabalho do seringueiro.



Fonte: Samuel Benchimol, 1992.

Eles também recebiam um kit básico dos voluntários que consistia em: uma calça de mescla azul, uma blusa de morim branco, um chapéu de palha, um par de alparcatas de rabicho, uma canela de flandres, um prato fundo, um talher, uma rede, uma carteira de cigarros Colomy e um saco de estopa no lugar da mala. Mesmo com todos os problemas enfrentados pelos órgãos encarregados da Batalha da Borracha, cerca de 75 mil pessoas vieram para a Amazônia ocidental, para os seringais amazônicos entre 1941 e 1945. Desse total, quase a metade acabou morrendo em razão das péssimas condições de transporte, alojamento e alimentação durante a viagem. (BENCHIMOL, 1999, p. 136). Os migrantes

nordestinos eram distribuídos nos seringais amazônicos pelos aviadores – comerciantes que atuavam como representantes legais e financeiros dos clientes ricos que residiam no exterior.

Figura 2 - Transporte movido à vapor.



Fonte: Protásio Lopes, 2002.

Os navios chegavam aos portos de Belém (no Pará) e posteriormente em Manaus (Amazonas), carregados de pessoas, sedentas de esperança e vontade de melhorar de vida. Quando já estavam nas mãos dos seringalistas eram distribuídas nas localidades – como eram chamados os seringais na época. As margens dos rios Xingu, Tapajós, Solimões, Negro, Purus, Tefé, Juruá, Jutáí, Madeira e outros afluentes do grande Rio Amazonas.

O rio Jutáí ingressa nesta história ainda no auge da *belle époque*, em 1910, quando a empresa JG de Araújo⁶ inicia o processo de extração da borracha nos seringais as margens do rio, tendo como principal mão de obra, os nordestinos – os soldados da borracha. Após o governo do Estado do Amazonas começar as primeiras expedições exploratórias nesse rio, os coronéis, a princípio, se instalam no município de Fonte Boa, de lá organizavam as viagens para os seringais da redondeza. Um contexto presenciado pelo padre João Van Den Dungem:

Eu vi chegar os Soldados da Borracha [...] Eles só tinham as roupas do corpo. Não tinham armas, nem remédios, nem casa e nem canoa... Uma vez visitei 25 trabalhadores recém-chegados. Depois de uns três meses resolvi novamente visitar essa região. Eu vi muitos urubus e já sabia mais ou menos o sentido destes pássaros voando sobre o mato. Logo na chegada o Luiz Barreto me falou o seguinte: “Esses homens não eram bons trabalhadores. Somente lavradores maus que não aguentavam o mato”. “Quantos vivem ainda?”, perguntei ao Luiz. “Padre, não é minha culpa, mas só resta um”. Eu visitei o último homem. Não tinha mais possibilidade de salvar o coitado. Estava para morrer. Dei a benção final. (BUSSUM, 1972, apud Dionísio e Teodoro, 1981).

A situação dos seringueiros nordestinos, se junta a de centenas de caboclos e índios que já viviam na região e tiveram de suportar o peso do período da borracha, a diferença entre

⁶ De acordo com Benchimol (1999, p. 76) Joaquim Gonçalves Araújo (1860-1940), conhecido como Comendador J.G. Araújo (Conde de São Gregório Magno do Vaticano) foi um abastado comerciante português que se radicou em Manaus.

eles é que os nativos já estavam acostumados à malária – chamada pelos caboclos como maleita ou sezão. As pessoas que morriam eram comidas pelos urubus. Dona Salviana Mendes, 71 anos, ex-seringueira (entrevista feita dia 08/09/2011), conta que a vida dos seringueiros do rio Jutaí não era fácil.

As pessoas morriam de malária ou de outras doenças e não eram enterradas. Porque eles viviam isolados, moravam sozinhos, nas matas, quando passava alguém enfrente do seringal, baixando ou subindo o rio, só via os urubus rondando o tapiri, já era tarde, não podia fazer nada, nem enterrar.

Os caboclos estavam habilitados com os utensílios de pesca, caça e a coleta de alimentos na floresta. Já os nordestinos, não possuíam as mesmas habilidades e por essa razão estavam vulneráveis aos perigos da floresta. Muitas dessas histórias foram registradas pelos padres Egon Dionísio (rio Jutaí) e Teodoro Van Zoggel (Fonte Boa), que escreveram em 1981, um livrinho (como eles mesmos o chamaram) intitulado “Clamor dos seringueiros do Jutaí”, outro colaborador foi o Pe. Domingos da Rocha Ferreira, que está escrevendo sobre a história da Paróquia de São José padroeiro da cidade de Jutaí.

Os padres Teodoro Van Zoggel e Egon Dionísio são de origem holandesa e vieram para o Amazonas como missionário, e foram incumbidos, pela prelazia de Tefé, para realizar um levantamento sobre a situação dos grupos indígenas do rio Jutaí, juntamente com a equipe da Operação Amazônia Nativa (OPAN). O rio Jutaí guarda a memória de personagens como o padre João Van Den Dungem – conhecido na região como o defensor dos seringueiros - pastor e médico dos seringueiros do Rio Jutaí. Como afirma a dona Helena Barros de Oliveira, moradora antiga do município:

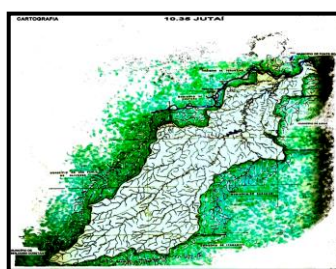
Caio Lasmar (neto de Benjamim Affonso) terá chegado com o jornal ou recorte de jornal, onde havia as denúncias feitas pelo Pe. João. Terá perguntado se o padre tinha falado aquelas coisas. Ele teria negado! O Caio amarrotou o jornal e jogou-o em cima dele, Pe. João terá ficado muito abalado com isso. Terá se deitado. Não jantou. Tomou chá de laranja, porque não se sentia bem! Sentava e levantava. Aí arroxou e morreu!⁷

Muitas situações vividas pelo Pe. João foram registradas por ele no livro “O rio que chora”, material não encontrado para análise desta pesquisa. O rio Jutaí está situado entre os rios Juruá e Jandiatuba, ambos afluentes da margem direita do Alto Solimões. No passado, essa região foi habitada pelos índios Katukina, Kulina, Kokama, kanamari, Marauá, Ariaceu e outros. Entre 1900 e 1910, grupos de peruanos “arrendaram” as terras, as margens do rio, para

⁷ D. Helena Barros de Oliveira, 72 anos, é natural de Jutaí. Entrevista concedida ao Pe. Domingos da Rocha Ferreira (CSSp), em a História da Paróquia de São José.

a extração da borracha. A ocupação migratória do rio Jutai tem início no Século XX, de 1910 a 1935, quando a empresa J.G de Araújo - responsável pela organização da extração da borracha e também por encaminhar os primeiros nordestinos - se instala na foz do rio e leva o grupo de trabalhadores até o alto rio Jutai, região onde atualmente se encontra a Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS Cujubim). (VARALDA, 2005, p. 2 e 3).

Figura 3 - Mapa do município de Jutai.



Fonte: **Otto e Francisco Beltrão**

Após as expedições de reconhecimento, na qual se procurava encontrar, sobretudo novos seringais, o rio Jutai ficou vulnerável as investidas de grupos aventureiros de diversas origens, empresas da borracha, regatões, madeireiros e garimpeiros, que não mediram esforços para tomar posse do rio. O rio Jutai, naquele momento ainda era pouco conhecido pelo homem branco, haja vista que era um lugar habitado por tribos indígenas.

Até essa época muito pouco se sabia a respeito desse afluente do rio Solimões. Por volta de 1850 esse rio começou a despertar o interesse do governo do Amazonas pelas supostas riquezas aí existentes. Foi então feita uma expedição de reconhecimento. Sabe-se também que existiam grandes contingentes de índios, aldeados na boca do rio e proximidades.⁸

Na foz do rio, muitos índios foram expulsos de suas terras e outros foram mortos em confronto direto com os seringueiros. Os padres Dionísio e Teodoro afirmam que entre 1900 a 1910, um grupo de peruanos arrenda o rio e começam extrair o caucho (borracha e sorva) em pequena escala. A partir de 1935 a J.G de Araújo passa a ser administrado pela família do Sr. Benjamin Affonso⁹. Um dos sobreviventes desse período conta como chegou ao Amazonas.

Me falaram que no Amazonas se juntava dinheiro com cambito. Eu vim como peregrino, sem conhecer nada. Como soldado da borracha nós tinha que fazer os que eles mandaram. Nesse Jutai eu fiquei trabalhando 20 anos, de luta, sem ganhá uns 5

⁸ “*O clamor do seringueiro do rio Jutai*”. Padres Dionísio e Teodoro, 1981 p. 28

⁹ Benjamin Affonso era um comerciante português, financiado pela casa aviadora J.G de Araújo, que a partir de 1910 passou a controlar também o rio Jutai. De 1935 até o final de 1965 essa firma foi gerenciada pelos Affonso.

centavos, sem ganhá nada. Não foi como me falaram. Tudo era mentira. Eles me enganaram. Quando eu vim, vim pra boca do Curuena. Nois era 60 arigó. Então chegou um tal Luiz Barreto. Depositaram o pessoal numas casas, sem canoa, sem remo, sem nada. A sezão bateu encima deles. Então um deles foi na casa desse tal Barreto e pediu um pouco de farinha por amor de Deus. Ele falou que o que tinha pra ele era uma vela na hora da morte. Com 15 dias passou um rapaz lá na casa dele, e viu os urubus encima da casa. O rapaz tava morto e os corvo tavam festejando ele. Assim não foi só ele, foram muitos. Dos 60 arigó que veio, escapou 30, e o resto se acabou na boca do Coruena. (Alb)¹⁰

O rio Jutaí já tinha seus coronéis. Muitas lutas foram travadas com os Affonso e após se estabelecer, os Affonso tomam as primeiras medidas, trazem mão de obra. De acordo como os padres Dionísio e Teodoro, em 1954 Álvaro Maia, governador do Estado, arremeteu para Benjamim Affonso 60 arigós (cearenses). Subiram para o Mutum – afluente do rio Jutaí. Lá morreram quase todos. Pegaram a sezão. Caia os cabelos deles. E eles morriam aí e não eram enterrados. Eles afirmam que, é justamente neste período de tempo que o rio demonstra a sua potencialidade na produção de borracha.

O período de maior produção de borracha no rio Jutaí, aconteceu entre os anos de 1935 a 1965, época em que “Os Affonso” tornam-se os administradores dessa firma e passam a tomar conta de todo o rio. Para assegurar sua hegemonia, mandam matar os poucos patrões que ali existiam. Nessa mesma época, registra-se o período de maiores crueldades e escravidão desses trabalhadores.¹¹

Essa crescente na produção era resultante da grande quantidade de pessoas trabalhando nos seringais e direcionando horas a fio no processo do corte, colheita e defumação da pele de borracha. Em 1936, os Affonso se apossam das terras de um homem chamado Manoel Nunes¹², dono do porto Nunes. A partir daí esse porto passa a se chamar Porto Affonso.

Uma época de muitas inquietações, descobertas e superações, além dos relatos de sofrimentos, confrontos e disputas territoriais, são algumas das situações enfrentadas pela pequena população do rio Jutaí. Sobreviver no alto rio Jutaí não era uma tarefa fácil, conta o Sr. Francisco Nel do Rosário (na época da entrevista com 85 anos) hoje falecido (nordestino), Sr. Chico, como é conhecido, conta que levantava às 3h da madrugada: com a mulher – dona Lolita – e os filhos, para tomar café e partir para mais uma jornada no seringal.

¹⁰ Seringueiro entrevistado pelos padres Dionísio e Teodoro em 1981.

¹¹ A fala de J.T.F – sobrevivente da borracha – foi registrada pelos padres Dionísio e Teodoro, em o “Clamor dos Seringueiros”, p. 22.

¹² Segundo o Padre Domingos Rocha Ferreira, os Affonso matam Manoel Nunes e ficam com o lugar.

Seu Francisco conta que assim como os outros nordestinos, também foi iludido para vir trabalhar na borracha, ele conta que o boato que corria lá na sua terra natal é que aqui no Amazonas se juntava dinheiro com rodo. “Aí o pessoal endoidou” – Diz ele: “e eu vim com vontade de ganhar dinheiro. Só doença e pobreza”.¹³ saía para a estrada cortando as seringueiras e na volta colhendo o leite das tigelas, chegava em casa entre 15 e 16 horas, comia um chibé - e aí vai para o tapirí defumar a pele de borracha. Como nos salienta um dos entrevistados de Dionísio e Teodoro em 1981:

Eu cheguei aqui dentro (fazem 18 anos) e o que eu encontrei foi farinha podre pra nós cume. Passei dois verão comendo farinha podre aqui dentro, dada por esses Affonso, que eram donos desse rio Jutaí. Nesse tempo aqui dentro era a escravidão mais horrível do mundo. Essas estopas (saco de estopa) eram o que os Affonso mandava aqui pra dentro pra se vesti. (M. Br)¹⁴

Em virtude da grande procura da borracha defumada, pela demanda estrangeira, os patrões da borracha em todo o Amazonas viviam em busca de mão de obra barata que pudesse aumentar a sua produção e, conseqüentemente, seus lucros. Vale ressaltar que a borracha sustentou, por muito tempo, o luxo da burguesia do látex que ostentava poder e riqueza nos grandes centros urbanos, sobretudo em Manaus.

A resistência dos seringueiros, índios e ribeirinhos e de todos os que habitaram as margens do rio Jutaí ecoou na imensa floresta e mostrou que a passividade não fez parte das atitudes dessa gente. Os seringueiros, a princípio, lutaram contra os índios, que por sua vez resistiam à invasão constante do homem branco.

No primeiro momento procuramos elucidar o processo de ocupação do rio Jutaí, com intenção de observar como se deu esse traslado e a chegada dos nordestinos nos seringais. O que nos chamou atenção foi a resistência, que é ocultada nos livros de história do Amazonas, que fazem questão de deixar a ideia de passividade, dominação e opressão dos seringueiros visíveis. O que aconteceu nos bastidores da história do Amazonas e conseqüentemente de Jutaí, só poderá vir à tona se dermos ouvidos e voz as pessoas que lá estiveram e que ainda permanecem.

¹³ Revista Família Cristã, ano 47, Nº 540 – dezembro de 1980, p. 25.

¹⁴ A fala de M. Br. foi concedida aos padres Dionísio e Teodoro em “O clamor dos seringueiros...”, p.13. Vale ressaltar que muitas pessoas entrevistadas, nessa época, ainda temiam represarias e por isso não revelam o seu nome e são identificadas pelas iniciais.

4. COMERCIANTES ITINERANTES – O REGATÃO

A região do rio Jutaí, no período de 1935 a 1970 foi palco de diversos acontecimentos que ficaram subjacentes à história regional e, ou, legitimados por uma versão dominante e que, geralmente, compõem a memória local. Buscamos compreender e, assim trazer a tona à história, sobre o olhar crítico, da resistência desse povo, geralmente ocultada pela história oficial, que estiveram presentes nos seringais do rio Jutaí. Para que não fique apenas na memória de quem as viveu, nos bastidores da exploração da região, do qual Jutaí faz parte.

Nesta região do alto Solimões eram estabelecidas leis - que fugiam do controle do Estado, regimentos criados pelo próprio seringalista de forma que o mesmo se tornava muito poderoso. Uma delas era a exclusividade da venda da borracha ao patrão, o seringueiro não podia vender para outro comerciante.

Se isso o acontecesse o seringueiro era punido, até mesmo com a vida, ou sofrer contensões no fornecimento de alimentos. O rio Jutaí era fechado por um portão imaginário¹⁵ que impedia a saída dos seringueiros e a entrada de comerciantes e, ou, grupos políticos – os homens do coronel Benjamim Affonso, ficavam de guarda na entrada do rio Bóia – afluente do Jutaí. Mas, mesmo com toda a proibição estabelecida pelos coronéis, essa intervenção foi inevitável. A presença constante dos regatões no rio foi motivo de muita intriga que terminava, muitas vezes, em morte. Observamos esse impasse no trecho da carta de um regatão, reclamando das ameaças sofridas no Jutaí.

Um grupo de comerciante da Foz do Jutaí, apoiado e ajudado pelo Sr. Lourival Alves de Castro, delegado de polícia desta cidade, está fazendo tudo para que eu deixe de viajar no rio Jutaí. A confusão que estão fazendo contra mim, é porque eu vendo a mercadoria muito mais em conta. Encontrei gente que passou mais de mês sem ver café. Quanto aos produtos dos seringueiros, estes outros comerciantes tiram o que bem entendem, não há tara¹⁶, enganam os pobres analfabetos. Eles liquidam o seringueiro. Dinheiro ele nunca vê um tostão. Quando nesta minha última viagem ia levando uma família dum seringueiro a Manaus, recebi ameaças de morte de um deles. Não querem deixar ninguém sair de lá, todos tem que ficar na escravidão que eles impõem. Por ser verdade dato e assino:

Fonte Boa, em 02 de março de 1972.
Adanilo de Souza Segadilho.¹⁷

¹⁵ O portão imaginário criado para fechar o rio Jutaí impedia a entrada de embarcações nas mediações do Bóia, impedia a saída dos seringueiros. Eram medidas impostas pelos Affonsos, e que todos deveriam saber e respeitar.

¹⁶ Tara – desconto no peso da mercadoria, correspondente ao peso do recipiente (grifo nosso).

¹⁷ Texto extraído do livro “*Clamor do seringueiro...*”, p. 42.

No entanto, não dá para falar do rio Jutai sem mencionar os chamados “regatões” (marreteiros, mascates), mas quem eram os regatões? Eram comerciantes de diversas origens, sírios, portugueses, libaneses e pessoas vindas da capital do Amazonas ou de municípios vizinhos praticavam o escambo (a troca) destes por aqueles, principalmente a borracha. (Padres Dionísio e Teodoro, 1981 p. 28)

Os regatões foram os primeiros a tentar desbloquear o rio na época dos coronéis, tendo este papel fundamental nas residências. Essa convivência dos regatões, a priori, foi o divisor de águas, ou seja, a partir desse momento os seringueiros perceberam o quanto eram enganados pelos antigos patrões. Eles tiveram participação em conflitos políticos e provavelmente, na revolta dos seringueiros em 1965.

Os regatões estiveram presentes em eventos que são vistos como fatores fundamentais para a libertação do rio e para a sobrevivência dos seringueiros. Os seringueiros começaram a colocar objetos como pedaços de barro, pedra e ferro no meio das peles de borracha para compensar a borracha desviada e negociada com o regatão.

De acordo com Tocantins (2000, p. 196):

O regatão é aquele sujeito que chega sorridente, mesuroso, abalando-se às maiores aventuras porque sempre é malvisto, combatido e às vezes perseguido a tiro de rifle pelos agentes dos seringalistas – vai oferecendo, conquistando, tentando, enganando aquela gente rude da margem dos rios. A troca de rendas, miçangas, pentes, pó de arroz, etc., recebe a borracha, o couro, a castanha, as essências silvestres, tudo que represente valor comercial. É uma verdadeira sangria para o seringal, cuja renda se desvia, em parte, por caminhos contrários aos desejos e interesses dos proprietários.

Com a chegada do regatão, parte da produção da borracha acabava sendo vendida sem autorização do proprietário do seringal era visto pelo patrão como roubo. Parte do que era produzido pelo seringueiro era entregue ao patrão e a outra parte era negociada com o regatão, que trazia muitas novidades, sobretudo alimentos e remédios.

Quando os cobradores de renda chegavam aos seringais davam conta da diminuição da produção da borracha e levavam o recado para o patrão, isso despertaria a ira do coronel. Teoricamente a produção da borracha, pertencia aos proprietários dos seringais, os Affonso, por conta da dívida que o seringueiro tinha com o mesmo. Essa comercialização com o regatão, sem o consentimento do patrão, infringia as Leis do seringal.

As rendas eram tributos que os seringueiros pagavam ao patrão pelo uso dos seringais. Por essa razão os seringueiros eram chamados, pelos patrões, de Rendeiros. Os patrões então passaram a cobrar mais borracha, cerca de 60 Kg por família,

independentemente da produção já comprometida. Isso daria motivos para mais resistência - a revolta dos rendeiros.

5. A REVOLTA DOS RENDEIROS E A EMANCIPAÇÃO DO RIO JUTAÍ

Quem eram os rendeiros? Acreditamos que os primeiros rendeiros foram os grupos de peruanos que vieram para a região entre 1900 e 1910 e “arrendaram” as terras, as margens do rio Jutaí, para a extração da borracha. Em 1965 os seringueiros foram obrigados a pegar em armas para se defender dos cobradores de renda.

Aqui nesse rio matavam gente por brincadeira. A gente só ouvia notícia. Mataram por exemplo o tio desse menino Zé Maria. Quando o Benjamim Affonso foi pra Manaus deixou o Ildebrando (filho) tomando de conta. Ele achou que era pouca borracha. Aí mando vir soldados de Manaus. Esses soldados dele vieram subindo o rio, dando pancada, cobrando 60 kg de borracha de arrendo. Quem não tivesse era pra dá 60 borrachadas. Vieram subindo. Vinham tomando tudo. Encostavam o motor, saltavam pra terra. O pobre ia lá e lá ficava preso. Aí davam borrachada. Os que não recebiam borrachada jogavam la no porão [...].¹⁸ J. T. R

As pessoas ficaram assustadas e muito revoltadas com a situação, eles estavam a serviço de Ildebrando, o que era ruim ficaria pior, a cobrança de rendas não era o único problema, a forma como as pessoas eram abordadas foi o estopim para uma guerra entre os seringueiros e os cobradores de rendas. No final do ano de 1965 os seringueiros resolveram colocar fim nos desmandos dos Affonso:

Na volta vieram tomando tudo e querendo dá pancada em todo mundo. Vinham atrais das mulhé dos outro. Aí que eles encontraram gente esperando por eles. Foram chegando e fazendo atacação: “Cadê esse filhos duma égua, bandidos, sem vergonhas? Agora cadê a mulher dele? Nois vamo pegá damo uma pisa neles”. Aí atracou. O rapaz falô: “Tá amarrado. Ah...vamo esperá esse filho duma égua”. Aí foi o tempo que o Raimundo Clementino queimo de lá... Pá...Pá... Quando paro a fumaça fomo espiá. Tavam morto o Pedro Vela, o Chico Pandeiro e mais 4 soldados. (IDEM)

Após muita humilhação, espancamento e ameaças, os seringueiros resolveram colocar fim aquela situação. De acordo com Sr. Manoel domingos, 71 anos, a situação do seringueiro era a pior possível, as pessoas eram expostas ao esforço máximo de suas forças e ainda eram submetidas a humilhações, torturas corporais, sexuais e psicológicas, além de serem mantidas endividadas.

Isso aconteceu em 5 de dezembro de 1965, encabeçado pelo Raimundo Clementino, o Major, José Marques e outros da vizinhança, quase todos parentes. Mas os outros seringueiros que não participaram diretamente também apoiaram a atitude dos

¹⁸ “O clamor do seringueiro...”, p. 28.

companheiros, tanto é que muita gente deram depoimento a favor deles, quando eles foram presos e trazidos pra foz, as pessoas testemunharam a favor dos seringueiros e contra a atitude dos mortos. Eles foram levados para Manaus e daí ninguém mais sabe o que aconteceu com eles, nunca mais tivemos notícias.¹⁹

Na fala do Sr. Manoel percebemos que mesmo não participando diretamente da ação as pessoas que moravam em outras colocações – seringais – concordaram com a atitude dos seringueiros revoltosos, ao ponto de irem até a delegacia, depois da prisão, depor a favor dos acusados. Testemunho da vida difícil que levava o seringueiro do rio Jutai, padre João Van Den Dungen os acompanhou por quase 30 anos, no período de 1942 a 1972. Dona Helena Oliveira, 72 anos:

Como o Pe. João dava remédio, leite... os Affonsos começaram a dizer que ele estava também "regatando". Por isso começaram a persegui-lo! Um dia o Aloísio e o Ildebrando perseguiram-no, prometendo matá-lo. Mas mesmo assim ele nunca deixou de viajar! "Os Affonsos agora são grande, mas um dia vão ficar pequenininho", dizia o Pe. João. [...] uma vez aconteceu que o Pe. João chegou em Porto Affonso num domingo para celebrar a Santa Missa e não deixaram. Expulsaram-no!²⁰

Segundo o Pe. Domingos, os Affonso, eram privilegiados, iam estudar em Manaus e depois eram enviados de volta a Jutai para tomarem posse do comércio e dos cargos públicos mais importantes. São eles: Fabiano Affonso, Chico Lasmar, Ildebrando Affonso, Antônio Affonso, Agemiro Affonso, Alberto Affonso, Arnolfo Affonso – filhos de Benjamim Affonso. Posteriormente os netos iram continuar a frente do poder na cidade, os Affonso se casam com outra família influente no município chamada Lasmar.

A partir dessa fusão ficaram conhecidos como os Affonso Lasmar. Em 1972 o padre João participa de uma assembleia na Prelazia de Tefé e comenta a situação dos seringueiros do rio Jutai:

Na Assembleia da Prelazia, realizada de 19 a 22 de Janeiro/72, é denunciada a situação de escravidão nos seringais do rio Jutai.

A sugestão nº 22 da Assembleia dizia o seguinte: "refletir sobre a justiça social nas obras das Paróquias". Esse pedido foi baseado em grande parte na apresentação feita por vários membros da reunião, angustiados com a situação dos seringais nos altos rios. Ao chegar em Manaus, a Ir. Marília Menezes, uma das assessoras do encontro, veiculou essa angústia em um artigo no dia 9 de fevereiro, saído no "Jornal do Comércio". [...] Isso foi colocado em 1ª página e teve uma repercussão enorme. [...] o jornal tinha como título: "ESCRavidão NOS SERINGAIS. PADRES PREPARAM UM RELATÓRIO-DENÚNCIA". Ao lado do título está a fotografia do Pe. João com a seguinte frase por baixo: "Pe. João Van Den Dungen, veterano missionário no Rio

¹⁹ Sr. Manoel Domingos Machado, 71 anos, jutaiense, entrevista feita no dia 11 de setembro de 2011.

²⁰ Pe. Domingos da Rocha Ferreira – história da Paróquia de São José.

Jutai.” De fato os padres tinham decidido na Assembleia preparar um relatório-denúncia. O jornalista escreveu que os Padres da Prelazia de Tefé, em sinal de protesto, não estão mais celebrando ofícios religiosos nas suas visitas aos seringais.²⁰

Percebemos o quanto esse grupo de comerciantes ainda era poderoso, em 1972, a ponto de intimidar a igreja e fazer pressão nas autoridades quando se viam acuados. Eles teriam ficado com raiva do Pe. João por pensar que teria sido ele o autor das denúncias postas na nota do Jornal do Comércio e isso fez com que o Caio Lasmar tomasse a iniciativa de desacatar o padre.

O Caio Lasmar que, na ocasião era Vice-Prefeito de Eliseu de Araújo Lasmar, terá chegado junto do Pe. João com um recorte de jornal ou com o jornal onde, além da fotografia do Pe. João tinha as denúncias feitas por ele e lhe teria perguntado se ele tinha falado aquilo. [...] Na verdade o que constava no jornal era a crônica elaborada por Ir. Marília. Caio terá amarrado o jornal e jogado sobre o padre. Isso terá deixado o Pe. João abalado! Ele teria ido para casa, se deitou e não quis jantar. Tomou um chá de laranja, mas continuava a sentir-se mal. Aí começou a arroxear e morreu. O Caio terá chegado depois para participar do velório do padre, mas dois filhos da D. Maria (Bebé e Biriba - Anastácio Ribeiro) colocaram-se na porta da Igreja e não o deixaram entrar! O Caio terá morrido no mesmo ano. (D. Helena)²¹

Pe. João morreu aos 74 anos, no dia 28 de fevereiro de 1972, quatro horas após ter sido desacatado por Caio Lasmar. Toda essa repercussão da morte do padre leva a irmã Marília, autora da nota do jornal, a escrever duas cartas a D. Joaquim. A primeira, datada em 01 de março de 1972, para lamentar a morte do padre e dizer que não tinha intenção de causar todo esse transtorno e que só queria ajudar o povo e que não esperava que o diretor do jornal o colocasse na primeira página.

Na segunda, 03/03/1972, tenta se justificar colocando a culpa na falta de experiência como jornalista, afirmando que o jornalismo é uma profissão muito perigosa e que é impossível retificar o artigo anterior. Mas, afirma que anos atrás visitou na cadeia de Manaus um grupo de seringueiros fugidos do seringal do Benjamim Affonso, o Procurador da Prelazia de Tefé (Irmão Gilberto) escreve para a Delegada do Ministério do Trabalho a seguinte carta:

“Excelentíssima Senhora Delegada.

Em resposta a sua investigação sobre a publicação no Jornal do Comércio do dia 9 de Fevereiro de 1972, aonde se publica IGREJA DE TEFÉ ACUSA PATRÕES DESUMANOS, informando que o Bispo-Prelado de Tefé em reunião com os Padres, Irmãos e Irmãs desta Prelazia estão preparando um relatório-denúncia, acusando patrões desumanos, tenho que declarar o seguinte: que esta publicação é uma publicação de um repórter, sem autorização ou mero conhecimento do Senhor Bispo ou seus Padres que estavam com eles reunidos, de modo que o Senhor Bispo nem um

²¹ Entrevista cedida ao Pe. Domingos da Rocha Ferreira – história da Paróquia de São José.

dos seus Padres tomam qualquer responsabilidade sobre aquela publicação. [...] Visto esta publicação, comprei jornais e mandei um exemplar para as diversas paróquias, e de alguns lugares (nem todos, devido às distâncias) tenho recebido notícias que esta publicação causou grande surpresa. Manaus, 27 de Fevereiro de 1972 Irmão Martinus van Niekerk (Irmão Gilberto) Procurador da Prelazia de Tefé. (IDEM, 1981).

Recai sobre a prelazia de Tefé toda a responsabilidade de provar os fatos perante a Justiça do Trabalho. D. Joaquim recebe a carta de uma seringalista rebatendo as denúncias feitas aos jornais da capital. Já que muitas cartas surgiram em protestos às supostas denúncias feitas pelo jornal do Comércio contra os maus-tratos dos seringueiros.

Manaus, 06 de Fevereiro de 1972 / Rev.mo Senhor Bispo D. Joaquim de Lange. [...] Nós seringalistas não temos auxílio do governo nem de entidade alguma. Lutamos com nossos próprios recursos, o que são atualmente paupérrimos, como toda autoridade e pessoa esclarecida sabem bem. Existem mais seringueiros preguiçosos, viciados e desonestos, do que trabalhadores e honrados. [...] o freguês leva o produto que seria para pagar o que comprou, leva para os regatões e volta ao barracão contando uma estória de doenças [...]. Senhor Bispo o caboclo do interior é (não todos) astucioso, indolente, tapeador. O pobre do seringalista só tem a fama, mais é uma vítima! Se muitos vivem na miséria, é porque são preguiçosos e safados. Os que trabalham são corretos no pagamento vivem bem [...] O que possuem hoje é fruto do que ganharam lá no nosso seringal. [...] ²²

A resistência dos seringueiros pode ter marcado o início de um novo tempo, a pesar de termos a impressão de que uma nova fase e/ou forma de exploração está sempre começando. Logo após o enfraquecimento do comércio da borracha e o fim do império dos Affonso, os regatões tomaram conta do rio e se transformaram nos novos donos do rio. Vale ressaltar que a emancipação do rio Jutaí teve início com a instalação da sede do município após a Lei Estadual nº 96, de 19 de dezembro de 1955.

De acordo com GONÇALVES (2010, p.38), Boa Vista foi escolhida, propositalmente, para ser a sede do município instalado em 1956, justamente por ficar acima dos limites impostos pelos Affonso. Foi uma das primeiras estratégias adotadas, por grupos políticos, comerciantes rivais aos Affonso, para abrir os “portões imaginários” do rio Jutaí.

Portanto, chegamos ao final deste trabalho com a certeza de que o assunto não se esgota, cabendo outras investigações mais profundas dos fatos aqui apresentados, pois sabemos que a história da região é uma fonte inesgotável de pesquisa.

²² Texto extraído da “História da Paróquia de São José”, não editado, de Pe. Domingos da Rocha Ferreira.

6. CONCLUSÃO

Investigar sobre o rio Jutai significa conhecer um pouco de uma história que não foi privilegiada (contada) pela historiografia regional oficial. Nossa pesquisa procurou entender o processo de exploração e a emancipação do rio Jutai. Analisamos a dinâmica do contexto histórico geral para compreender as ocorrências específicas aqui apresentadas. O arrendamento das margens do rio aos peruanos, a chegada dos migrantes nordestinos até a abertura do rio.

Após nossas análises chegamos à conclusão de que as mudanças ocorridas durante todo esse tempo foram importantes, mas vêm atender interesses dos grupos dominantes que se instalaram nessa região e que se renovam e criam vínculos com outros setores da sociedade (igreja, comércio, entidades não governamentais, etc.) travam disputas internas com os grupos mais antigos superando-os ou se aliando, para manter o status quo, se instituem para a continuidade da exploração. Quando menos se espera o rio passa para as mãos dos novos donos, subsidiando uma nova prática ou prolongando o sistema já existente. Esses grupos se fortalecem com cargos públicos, na ascensão da política local, propaga o sonho de liberdade e de dias melhores a população.

No entanto, usam essa mobilização popular em suas estratégias políticas para manipular e controlar as camadas menos favorecidas da sociedade. Um exemplo desses fatos foi o incêndio da Câmara Municipal no ano de 1993, onde parte da população se revolta com o resultado das eleições para prefeito e vereadores, se armam e vão para as ruas em “protesto”. Em seguida tocam fogo na Câmara Municipal, depredaram a Prefeitura e o Cartório, queimando muitos documentos que ali estavam armazenados, demonstrando esse sentimento de revolta do povo.

Contudo, concluímos que o processo de exploração do rio Jutai permanece em plena atividade, como a emancipação iniciada com a instalação da sede do município, em 1956 e a derrota dos Affonso em 1965 (com a revolta dos rendeiros), deu início a outros tipos de exploração com novos personagens e dinâmicas.

Fontes:

1. Padres Dionísio e Teodoro, livro não publicado: O clamor dos seringueiros do rio Jutai.
2. Padre Domingos da Rocha Ferreira (CSSp) Pároco: História da Paróquia de São José (em curso).

Entrevistados

1. Francisco Nel do Rosário, 85 anos, ex-seringueiro. Entrevistado no dia 07 de setembro de 2011.
2. Maria Neria Vicente Rodrigues 77 anos, ex-seringueira, entrevistada dia 07 de setembro de 2011.
3. Manoel Domingos Machado, 71 anos, jutaiense, comerciante, ex-regatão, entrevista feita no dia 11 de setembro de 2011.
4. Salviana Mendes, 71 anos, ex-seringueira Entrevistada no dia 08 de setembro de 2011.

Impressa

1. Revista Família Cristã, ano 47, Nº 540 – dezembro de 1980, p. 25.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989. 202 p.

BELTRÃO, Otto e Francisco Beltrão. **Enciclopédia da Amazônia Brasileira: Realidade do Amazonas**. Manaus: Atlas, 1995.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia. Formação Social e Cultural**. Manaus: Valer/editora da Universidade do Amazonas, 1999.

_____. **Romanceiro da batalha da borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1992.

DIAS, Edinea Mascarenhas. **A ilusão do Fausto**: Manaus – 1890-1920. Manaus: Valer, 1999.

GONÇALVES, Márcio Alexandre. **As disputas políticas que ocasionaram a criação e as transferências de sede do município de Jutai (1955- 1970)**. Tefé, 2010.

PORRO, Antonio. **O povo das Águas: ensaios de etno-história amazônica**. São Paulo: Vozes. Eusp, 1996.

SANTOS, Francisco Jorge dos. **Além da conquista**: guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina. 2.ed. Manaus: Editora da Universidade do Amazonas, 2002.

SANTOS, Milton. As cidadanias mutiladas. In: **Preconceito**. São Paulo: Secretaria da Justiça e da Defesa da Cidadania do Estado de São Paulo, 1997.

SANTOS, Roberto. **História econômica da Amazônia (1800-1920)**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

Revista Psicologia & Saberes

ISSN 2316-1124

v. 8, n. 12, 2019

SOUSA, Augusto Cabrolié Gonçalves de. **História de Tefé**. Manaus: Imprensa Universitária UFJF-MG/SEDUC-AM., 1989.

VALÉRIA, Martins Lippi e Célia Siebert. **Amazonas: História**. São Paulo: FTD, 2001. Pp 89, 105.

VARALDA, Paulo Jasiel Castigo. **Relatório diagnóstico Socioeconômico**: Levantamento de dados socioeconômicos. Jutai: RDS – CUJUBIM, julho, 2005.

WEINSTEIN, Barbara. **A Borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Huctec: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.